

Ernani Camargo

# Causos



Histórias verdadeiras e engraçadas

 entrelinhas





A meu pai, Aldano, sábio e  
brincalhão, que quando nesta  
vida transmitiu-me grande parte  
do seu melhor lado.

[ Pelo menos tentou ]





“A fonte secreta do  
humorismo  
não é a alegria, e sim a  
tristeza. No céu não há  
humorismo.”

*Samuel Langhorne Clemens*  
(Mark Twain)



## Sumário

A luzinha.....	21
Achados e perdidos.....	25
Adivinhe o que temos para o jantar?.....	28
Alambique da Petrobras.....	32
Café tem que ser tomado quente.....	35
Camarote com matula.....	37
Concordância.....	40
Corretivo.....	43
Paralisante.....	46
Disk boy.....	50
<i>Dolce vita</i> na caserna.....	52
E tenho dito!.....	55
Embalos de sexta-feira à noite.....	57
<i>Far west</i> brasileiro.....	59
Guerra química.....	62
Nevasca pantaneira.....	65
O diabo anda de avião.....	68



Filho do embaixador .....	72
O helicóptero perseguidor.....	74
O transeunte .....	76
O viajante (I) .....	79
O viajante (II) .....	82
Ordem unida.....	84
Orélio .....	86
Por quem os sinos dobram .....	90
Potência emergente.....	92
Quem dá menos?.....	94
Retrato falado.....	98
Sotaque carioca.....	100
The day after .....	103
Tudo azul .....	106
21 dias de inverno.....	108
Cuco.....	112
Pé rachado.....	115







## Mea Culpa

### Alguns esclarecimentos necessários



Escrevi estes contos a título de distração. Tenho o hábito e a profissão de redator. Alguns (cinco) publiquei em revistas, mas a maioria é de histórias inéditas, embora sejam fatos realmente acontecidos.

Tive o cuidado de substituir os nomes e locais em que se passaram os fatos, visando preservar a intimidade de algumas pessoas. Portanto, não se surpreenda, leitor, se se reconhecer em alguma história! E pode deixar: seu segredo está guardado – o do nome, pois o ocorrido será do domínio de todos, a partir de agora.

Algumas histórias são de conhecimento público e, apesar de reais, fazem parte do folclore da região. Outras se passaram em regiões diversas, por onde andei ou vivi durante minha juventude e época de estudos. Em todos os locais fui anotando na memória as interessantes.

Por insistência da minha amiga Maria Teresa, passei-as para o papel. Espero não estar sendo muito pretensioso com estas linhas, porque tenho horror aos pseudointelectuais tão comuns por estas plagas, e não pretendo ser comparado ou incluído entre eles, honrosas exceções à parte que fazem – as exceções – a produção artística mato-grossense ser da melhor qualidade.

Apesar disso, a culpa de ter escrito as páginas seguintes é toda minha. Não a transfiro a ninguém. Também eu tenho meus defeitos, por que não?\*

De qualquer forma, são fatos que podem ocorrer com qualquer um de nós, especialmente num país como o Brasil, cujo gentio é conhecido mundialmente por sua espirotuosidade, bom humor e capacidade de debochar de si mesmo, o que a meu ver são grandes qualidades. Afinal, não é todo povo que consegue, com as adversidades que lhes são impostas diariamente pela vida e pelos governantes, ver tanta graça no dia a dia.

Não dá para agradecer a todos que são importantes em minha vida, sob pena de arriscar-me a esquecer de pessoas muito importantes, de forma que a minha família, amigos, parentes e aderentes, eu peço, sintam-se homenageados nas pessoas do meu pai, Aldano, minha mãe, Odette, minha esposa, Norma, e meus filhos, Emílio, Fausto e Flávio, aos quais dedico este livro. Meu pai, que já se foi, era uma grande e boa pessoa. Bonachão. Quem o conheceu, pode confirmar. Deve, lá de cima, ter lido estas linhas e estar falando: “Nani (como ele me chamava), tem aquela história do fulano! E tem aquela outra, daquele ladrão, corrupto”, “Conte aquela do dirigente que fugiu vestido de padre, com o

---

\* Já reparou que todo mundo presta atenção nas notas de rodapé?

dinheiro da repartição, em 1964”, etc. Mas esta é outra história. Quem sabe?

Espero que você possa se divertir. E, como diziam os saquinhos de padarias e armazéns de antigamente: “Se gostou, conte a todo mundo. Se não gostou, conte a nós.”









## A luzinha



“Seu” Fuad era figura pitoresca do Alto Pantanal.

Conhecido e querido por todos, viveu, em seus mais de sessenta anos, a contar histórias, divertir e amedrontar, quando pôde, os turistas que visitavam a baía (lagoa) de Siá Mariana, em Barão de Melgaço, pequena cidade de Mato Grosso.

De fazendeiro, *status* que conquistou a duras penas, com muito trabalho, passou, depois dos cinquenta, a “empresário” do turismo em sua propriedade, por sinal uma das mais belas deste país rico em paisagens. Ficou bem. Rico de poses, embora não as aproveitasse como um cidadão, e rico, bastante, de espírito.

De todos os que aportavam em sua propriedade à beira d'água, ele tirava uma casquinha de gozação. Já tinha virado patrimônio da região, acervo turístico.

Uma dia, chegaram de barco, para pescar no Pantanal, cinco turistas de São Paulo, e ele lá foi recepcioná-los, tratando também logo do acerto. Havia preços para turistas brasileiros, mais baratos, e para “gringos”, mais caros e em verdinhas. Afinal, “seu” Fuad deveria fazer jus à sua origem árabe.

Pois bem, lá estava “seu” Fuad, e já tinha acertado o aluguel do pedacinho de praia para acampar em suas terras, quando lembrou-se de advertir os turistas-pescadores sobre a “luzinha” que sempre aparecia à noite, mas que não representava grande perigo, segundo ele.

Todos se riram a valer, não dando a menor importância para a “seriedade” que “seu” Fuad manifestava. E ele deixou que se rissem, porque fazia parte da peça que iria pregar nos tarzans do asfalto.

Foi-se embora, retirando-se para sua casa, que ficava a cerca de duzentos metros do local, não sem antes avisar mais uma vez do pouco perigo que representava aquela luzinha que aparecia todas as noites.

Era de manhã, de modo que havia muito tempo para que os turistas esquecessem as advertências. Mas, à tarde, lá estava novamente “seu” Fuad para conversar, e, no meio da conversa, fazer vagas referências à luzinha, só pra refrescar a memória das futuras vítimas.

Retirou-se novamente, prometendo voltar à noite, para confirmar a existência da estranha aparição.

E assim foi. Quando deu seis e meia da tarde, já escuro naquela época do ano, volta “seu” Fuad, e, em meio às gozações dos visitantes, adverte:

— Está quase na hora da luzinha aparecer. Ela tem costume de vir aqui lá pelas sete da noite, sete e meia, mais ou menos.

Risadas. E rompantes dos machões, que entraram na brincadeira, para ver se o “seu” Fuad parava de falar de luzinha.

— Não tenho medo dessas coisas! – dizia um.

— Que venha essa luzinha, eu enfrento no tapa! – dizia outro.

E “seu” Fuad esperando. Agora eles estavam preparados.

O velho pantaneiro, em sua esperteza cultivada por anos e anos de sofrimento e conhecedor de tudo o que se passava por ali, sabia que por volta das dezoito horas e quarenta e cinco minutos decolava do aeroporto de Cuiabá um jato, todos os dias, com destino a São Paulo, e ali era sua rota.

Como todos sabem, ao decolar à noite, os pilotos acendem os faróis – um em cada asa – dos aviões, e os desligam após uns quinze minutos de voo. “Seu” Fuad nunca viajara de avião à noite, pois suas viagens de avião, quando feitas, resumiam-se a pequenos aviões que tinham acesso ao Pantanal, e só. Mas, como arguto observador, havia notado a técnica das aeronaves maiores, e noturnas, e tirava proveito para suas brincadeiras.

E assim foi. O avião decolou e, minutos após, vinha ele silencioso, pois dali não dava para escutar, com os faróis acesos. “Seu” Fuad gritou:

— Lá vem a luzinha!

Os forasteiros, mais para satisfazer “seu” Fuad, olharam. E ficaram por um tempo paralisados, com o medo estampado em suas faces. Passada a paralisação, veio o desespero, e vieram os pedidos de ajuda ao “seu” Fuad:

— E agora, ela vem em cima de nós! O que vamos fazer?